

RELATÓRIO: GRUPO DE TRABALHO WAIMIRI-ATROARI (30 dias)

Stephen Grant Baines - aluno de pós-graduação em antropologia, nível doutorado, da UnB.

JUSTIFICATIVAS PARA AUMENTOS DA ÁREA INDÍGENA NOS SEUS LIMITES (Estas propostas foram discutidas pelo G.T., que incluiu membros da comunidade Waimiri-Atroari).

I. Área ao Norte:- abrangendo as cabeceiras do rio Branquinho e cabeceiras do rio Alalaú até incidir com a área interdita da bacia do rio Jatapu.

Motivo:- No dia 10 08 85, quando alguns membros do G.T. visitaram a aldeia localizada no alto rio Alalaú, de coordenadas geográficas aproximadas 0°15'S e 60°20'W.Gr., os indígenas Waimiri-Atroari lá residentes conversavam animadamente com aqueles que acompanharam o G.T., relatando para eles que na aldeia designada na língua Waimiri-Atroari "Waiyira 'yih'" (o local onde Waiyira faleceu), de coordenadas geográficas aproximadas 0°15'S e 60°25'W.Gr., haviam encontrado vestígios recentes de indígenas de outra etnia, que os Waimiri-Atroari chamam "Piruiçiči", inclusive rastros de calçados recentes, vestígios de um local onde haviam preparado beiju, e um local de onde haviam tirado batata doce do roçado dos Waimiri-Atroari. Segundo as informações prestadas, os rastros seguiram para o rumo norte.

Em 1983, um grupo de Waimiri-Atroari seguiu por este caminho por dois dias, até as cabeceiras do rio Branquinho onde encontrou um barraco, cascos de jabuti, uma pequena área de plantação de flecheira, e vários caminhos.

Tudo indica que se trata de um grupo nômade que perambula na região do extremo norte dos Waimiri-Atroari, as cabeceiras do rio Branquinho e a área que abrange a Serra do Jauaperí, Igarapé da Cidade Velha, e possivelmente as cabeceiras do rio Pitanga.

Proposta:- A interdição de toda esta região.

2. A Margem do Leste :- Na área que abrange o Igarapé do Repartimento. O limite atual, segundo o Decreto Nº 86.630 de 23 de novembro de 1981, fica no ponto 28, de coordenadas geográficas aproximadas  $00^{\circ}20'50''S$  e  $60^{\circ}11'55''W.Gr.$ , a aproximadamente 12km. no sentido montante da aldeia estabelecida no ano passado por Maicom e outras famílias, que declaram que sobem para as cabeceiras deste igarapé frequentemente, em expedições de pesca e caça, área que está fora da área interditada e que incide numa área já requisitada para pesquisa de mineração por empresas mineradoras.

Proposta:- A interdição de todas as cabeceiras deste Igarapé.

3. Área de Jundiá:- Revisão dos limites segundo as informações prestadas pelo engenheiro cartógrafo do G.T., incluindo a área ao oeste da estrada BRI74 que é de perambulação constante, por motivos de caça e pesca, dos indígenas do aldeamento Xery.

Proposta:- A interdição desta área.

4. A Margem direita do rio Camanaú:- que é de perambulação, por motivos de caça e pesca, dos indígenas do aldeamento Maré e das aldeias do médio Camanaú.

Proposta:- Interdição.

5. A Margem esquerda do rio Curivaú:- que é de perambulação constante por motivos de caça e pesca dos indígenas residentes no aldeamento Curivaú, que vem se tornando cada vez mais um núcleo de habitação.

Proposta:- Interdição.

6. Abonari:- O limite atual parte do ponto 01 do Decreto Nº 86.630, junto à ponte que atravessa o rio Santo Antonio do Abonari, seguindo por uma linha reta e seca com uma extensão de aproximadamente 52,4 km. e azimuth aproximado de  $193^{\circ}12'14''$ . Já que lotes do Incra na margem da estrada BRI74 ultrapassam este limite, com desmatamento recente que penetra a área indígena, propõe-se sustar quaisquer avanços por parte de moradores na beira da BRI74, e a construção de uma cerca de arame farpado

com placas de interdição da FUNAI, partindo da ponte e seguindo pela linha seca até o ponto onde esta linha passa fora da faixa de 2000 metros da margem da BRI74.

Considerando que os indígenas que residem em Tobupuna fazem visitas constantes e demoradas ao Posto Abonari (no dia da visita do G.T., todos os Waimiri-Atroari estavam morando, havia muitos dias, no Posto de Abonari, a duas horas <sup>de maior de papa</sup> rio abaixo do aldeamento Tobupuna, e a pouco mais de 01 km. da margem da estrada BRI74 na margem direita do rio Abonari), e que estes indígenas, durante os últimos anos, faziam visitas frequentes às casas de moradores na margem da estrada, às vezes parando viaturas para pedir bolachas, roupas usadas, etc. (o pesquisador acompanhou um grupo deles em 1984, que pediram a ele não contar para o Chefe do Posto), é imprescindível manter esta linha seca, partindo da ponte, e sustar o avanço de moradores.

7. Área desmembrada pelo Decreto Nº 86.630 de 23 de novembro de 1981, ocupada pela Mineração Taboca do Grupo Paranapanema.

Propostas:- A interdição temporária, e de imediato, da rede hidrográfica dos rios Pitinga e Pitinguinho, e a evacuação dos funcionários da Paranapanema que se encontram nesta área, visto que as informações obtidas, inclusive através da empresa Mineração Taboca, que deram origem aos radiogramas da I<sup>Q</sup>DR :

NR524/NAWA de 22 08 85, NR506/NAWA de 08 08 85, e No.2537 de 22 08 85, constatam a presença de indígenas arredios nesta região. Estas informações foram confirmadas ao G.T. no dia 27 de agosto de 1985 pelos Dr. Dornelles e Dr. Renato, e posteriormente pelo Dr. Nelson, funcionários da Mineração Taboca, que nos forneceram, inclusive, o nome da Cia. Transportadora Di Gregorio, cujo empregado motorista da carreta ZC5117 no dia 24 08 85 declarou para a empresa Mineração Taboca, ter encontrado no dia 13 08 85, 08 indígenas (06 homens e 02 mulheres) atravessando a estrada no Km. 30 vicinal hidrelétrica Pitinga.

Esta interdição temporária da rede hidrográfica Pitinga-

26/11/85  
17/11/85  
noticias a respeito  
de res "indigenas  
arredios". Taboca  
seja uma  
estrategia da  
mineralora para  
tentar  
convencer a FUNAI  
a reconhecer a  
area desmembrada  
como "area indigena".  
a mineralora  
de a mineralora  
poderia tentar  
argumentar que  
foi que até dentro  
do area indigena,  
podem avançar  
no que resta da  
area do  
W. A tambem  
argumento uma  
hipotesis, e  
ainda mais  
pode declarar  
que não há  
a presença  
de indigenas  
mediante  
provas

Pitinguinho visa à localização, e demarcação pela FUNAI de outra reserva indígena que seja adequada para garantir a sobrevivência deste grupo indígena arredio (que os Waimiri-Atroari dizem não ser Waimiri-Atroari).

Proposta para toda a área Waimiri-Atroari:- Propõe-se a criação de um PARQUE INDÍGENA WAIMIRI-ATROARI de toda a área atualmente interditada pelo Decreto Nº 86.630 (o que seria revogado e substituído por um novo Decreto), inclusive as áreas anexas pela nova delimitação proposta por este G.T., e a demarcação urgente do proposto Parque Indígena.

Em consequência das atividades da Mineração Taboca, e o barulho de viaturas nas estradas BRI74 e vicinal da Taboca, os Waimiri-Atroari estão reclamando da falta de caça, e da poluição do rio Alalaú pelos detritos da mina de Jacutinga que desemboca (o rio Jacutinga) no rio Alalaú acima da Cachoeira Criminosa. Levando em consideração esta devastação, e o fato que as áreas de proposto aumento estão ameaçadas de invasões, propõe-se que a nova interdição seja realizada com a máxima urgência, seguido pela demarcação de um proposto Parque Indígena, com finalidade de garantir uma área de caça e pesca adequada para a sobrevivência dos Waimiri-Atroari e evitar atritos entre invasores e indígenas em áreas de perambulação dos Waimiri-Atroari. A área proposta pelo G.T. é muito menor que a área de perambulação dos Waimiri-Atroari há poucos anos, como o G.T. testemunhou, por exemplo, na fala de uma senhora moradora de Xixuanu no rio Jauaperí, que declarou que na época do sertanista Gilberto Figueiredo Costa (1968-1974) os Waimiri-Atroari visitaram seu sítio.

Propõe-se manter o limite entre os pontos<sup>31</sup> 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, e 40 do Decreto Nº 86.630, como limite máximo de avanço das atividades da Mineração Taboca e/ou outras mineradoras, ao mesmo tempo mantendo a área desmembrada pelo supracitado Decreto, e já ocupada pela empresa mineradora, na condição de temporariamente arrendada, a ser revertida ao proposto Parque Indígena Waimiri-Atroari assim que a minerado-

ra terminar suas atividades de lavra. Entretanto, a mineradora Taboca seria obrigada a pagar indenização calculada numa porcentagem do valor de todas as substâncias minerais extraídas, que seria depositada num Fundo Waimiri-Atroari, a ser aplicada na área dos Waimiri-Atroari através da FUNAI.

Propõe-se a retirada da equipe de segurança da Mineração Taboca do Posto de Vigilância no entroncamento da estrada BRI74 - Vicinal Taboca, e a manutenção de um Posto de Vigilância de controle exclusivo da FUNAI, pois, como os radiogramas NR505/NAWA de 08 08 85 e NR492/NAWA de 01 08 85 revelam, a equipe de segurança está permitindo o trânsito de viaturas de noite, além de ser um foco de tráfego de aguardente dentro da área dos Waimiri-Atroari. Propõe-se que o controle e vigilância da mineradora sejam feitos ou no 6º BEC em Abonari ou no Jacutinga.

#### Propostas quanto à atuação da FUNAI na área Waimiri-Atroari

1. Para satisfazer as reivindicações dos Waimiri-Atroari, propõe-se a ativação de um Programa Educacional, com a participação de um lingüista de nível superior para realizar uma pesquisa detalhada da língua Waimiri-Atroari e preparar material didático nesta língua. Porém, uma discussão a respeito do Programa Educacional precisaria de um estudo muito mais profundo que permitiram as limitações de tempo deste G.T.

2. A construção de um Hospital Waimiri-Atroari dentro da área, outra reivindicação dos Waimiri-Atroari, em vista da precariedade de saúde nos aldeamentos, e considerando os prejuízos que eles vêm sofrendo ao serem levados para a Casa do Índio em Manaus. A epidemia de sarampo de 1981, em que faleceram 21 indígenas segundo os relatórios e radiogramas da época, alastrou-se após o menino Waimiri-Atroari conhecido pelo nome "Samuel" havia voltado da Casa do Índio para o Posto Terraplenagem, depois de passar um período sendo tratado para tuberculose. Além de transmitir doenças, diversos Waimiri-Atroari que passaram períodos na Casa do Índio voltaram contando do consumo

de cachaça entre algumas das pessoas hospedadas neste local, e espalharam boatos de haverem sido levados para centros de prostituição em Manaus como "Saramandaia" por servidores da FUNAI.

A construção de um hospital dentro da área Waimiri-Atroari serviria para atender os casos de doença mais simples, e também para o tratamento prolongado de doenças contagiosas. Somente os casos que precisam de cirurgia especializada teriam que ser internados nos hospitais de Presidente Figueiredo ou Manaus.

3. Segundo o Quadro de Lotação de Servidores do NAWA na BASE da FUNAI, confirmado no dia 12 08 85 pelo substituto de Coordenador, havia, nesta data, 33 servidores lotados na área Waimiri-Atroari. Embora fosse reduzido de 59 (1983), o número de servidores em relação aos Waimiri-Atroari ainda está extremamente alto. Com 88 homens adultos Waimiri-Atroari em toda a área (a população total, em julho de 1985, era de 323 pessoas segundo estatísticas fornecidas pelo delegado da I<sup>ª</sup>DR) acima de 18 anos de idade, há um servidor para 2,66 homens adultos Waimiri-Atroari.

Propõe-se a redução do número de servidores, assunto que tratar-se-á abaixo, após esclarecer os motivos. A redução do número de servidores para um Chefe de Posto titular em cada Posto onde há aldeia, poderia ser o primeiro passo para a autodeterminação dos Waimiri-Atroari e, ao longo prazo, a redução da dependência excessiva, enraizada durante os últimos anos, dos Waimiri-Atroari num contingente numeroso de servidores braçais, que na situação atual é absolutamente supérfluo.

As consequências de um excesso de servidores na área vêm sendo observadas pelo pesquisador nos últimos três anos. Estes servidores mandam os Waimiri-Atroari trabalhar para seus próprios interesses, relegando os Waimiri-Atroari à condição de mão-de-obra à disposição dos funcionários. Os Waimiri-Atroari, assim, fazem roçados para o Posto e os servidores, além das suas roças de subsistência (que os Waimiri-Atroari estão plenamente capacitados de cultivar sem a presença de servidores braçais).

O G.T. presenciou em diversas ocasiões as relações de dominação-subjugação entre servidores e Waimiri-Atroari. Ao visitar

o Posto Velho de Camanau, numa região já ocupada pela população regional (inclusive, alguns dos servidores da FUNAI têm terrenos lá), no dia 18 08 85, encontramos um servidor e sua família junto com aproximadamente onze homens e jovens Waimiri-Atroari, todos com terçado na mão. Ao serem indagados a respeito das suas atividades, responderam que o servidor os tinha mandado vir do aldeamento de Curiau para o Posto Velho (uma distância de aproximadamente 15 Km. por água) para fazer o roçado para ele (fora dos limites da área indígena segundo o Decreto Nº 86.630).

Ao chegar ao aldeamento de Curiau, no dia 18 08 85, os Waimiri-Atroari informaram que uma das casas em construção era de um servidor que tem uma família numerosa de filhos e netos, e que este servidor e sua família iriam morar no aldeamento junto com eles. Em 1982, o mesmo servidor, apesar de ser um funcionário com muita experiência, foi transferido do Posto Alalaí Primeiro, após o encarregado ter escrito para o então coordenador, que relatou que um servidor havia denunciado para o encarregado a respeito do comportamento de alguns membros da família deste servidor para com os Waimiri-Atroari. O então coordenador não deixou o pesquisador ler esta carta, alegando que era "confidencial" pois tratava de detalhes pessoais a respeito do comportamento de membros da família deste servidor junto com 02 outros servidores mundurucu (retirados da área) para com os Waimiri-Atroari. O citado servidor, como a maioria dos servidores, depende dos esforços dos Waimiri-Atroari para sustentar sua numerosa família. O mesmo servidor possui uma casa na beira do lago Curiau próxima ao Posto Velho e fora da área dos Waimiri-Atroari. Sua mudança para o aldeamento dos Waimiri-Atroari será altamente prejudicial para a comunidade indígena.

O pesquisador observou que muitos dos servidores reforçavam a influência da Mineração Taboca na área, recorrendo à mineradora para pedir alimentos e materiais de construção e incentivando os Waimiri-Atroari a fazer o mesmo, estes assumindo a ideo-

logia dos servidores. Na época que servidores da Mineração Taboca construíam a escola no Posto Terraplenagem, o indígena "Barara" contou para o pesquisador que ele havia bebido cachaça junto com os braçais da Taboca, bateu no Posto e depois caiu.

O indígena Kabarrá contou para o pesquisador que "A. (um ex-servidor) disse que eu vou trabalhar lá na Taboca", e "Eu já vi Taboca. Muito bom!" Em outra ocasião ele contou: "Eu quero só portugueses, porque eu vou lá na Taboca. B. (ex-coordenador) falou. Eu agora lá na Taboca. Eu vi Taboca muito, Manaus parece".

Há aproximadamente um ano e meio quando o pesquisador visitou o aldeamento de Xery, os Waimiri-Atroari, Bornaldo e Areça informaram " A'wusa Tabocatáka 'yiE bi'ka.sɬ. Amiyak'i a'wo 'wusaba Taboca trabalhar. Mário 'na.rna 'yiti. A. (um ex-servidor) 'na.rna 'yiti, amiyak'i a'wo trabalhar Taboca, Bornaldo 'mani. A'wo Tabocatáka trabalhar. Ka'aminya 'na.rna 'yiti, trabalhar muito". (Eu vou para Taboca para tirar dente. No futuro eu vou para trabalhar na Taboca. Mário falou. A. (um ex-servidor) falou que no futuro eu vou trabalhar na Taboca, Bornaldo também. Eu vou trabalhar na Taboca. Os civilizados (servidores da FUNAI) dizem, trabalhar muito".

Em Taquari os Waimiri-Atroari informaram: "Taboca tem muito dinheiro", e Chico acrescentou: "Nós vamos todo dia lá na Taboca". No Posto Terraplenagem Viana relatou: "Paranapanema é ladrão mesmo! Ele entrou em nossa terra e não pagou nada. Se ele entrar de novo eu vou brigar com ele". Em outra ocasião Viana disse: "Acho que o caminhão da Taboca vem hoje para trazer o material (de construção)". Tomás de Taquari relatou: "Taboca, FUNAI, outra FUNAI".

Em 1984, um homem que os Waimiri-Atroari chamavam o "Prefeito" da Taboca fazia visitas aos aldeamentos, dando presentes para os Waimiri-Atroari, sobretudo para Viana e seu irmão Mário. Estes dois "Capitães" têm camas no quarto de dormir das suas



casas (estilo de "Posto"), e afirmam que foi a Taboca que deu.

Estes casos servem para ilustrar a medida que a Mineração Taboca penetrou na vida dos Waimiri-Atroari.

#### O caso do servidor Sr. Antonio Taucá

O Sr. Antonio Taucá, servidor que se diz sobrevivente de um massacre no rio Alalaú em 1949 quando tinha aproximadamente 07 anos de idade, foi levado para o Rio de Janeiro e criado por um ex-inspetor do S.P.I., Sr. Rocha Vianna. Ele trabalhava no Rio de Janeiro e casou-se com uma mulher de Ramos. Taucá veio para a área Waimiri-Atroari como servidor da FUNAI há aproximadamente um ano e meio, e foi entrevistado pelo pesquisador no início de este ano e pelo G.T. em 13 08 85.

O pesquisador solicitou informações aos Waimiri-Atroari a respeito de Taucá no final de 1984 e início de 1985, e eles declaravam não saber nem de onde ele era, nem de quem era parente. Os velhos disseram que ele é um civilizado, e "Nene", "Pedrosa", e "Pedro Velho" chamavam-no de "Ma'dana" (mentiroso).

Taucá afirma, no seu discurso, que ele era "filho do chefe", e que ia ser chefe. Ultimamente ele está declarando ser "filho de Maroaga". Neste ano Taucá foi transferido do Posto Abonari, após ter denunciado que outro servidor praticou um ato de sodomia com seu filho de 06 anos de idade, para o Posto que fica nos limites da área dos Waimiri-Atroari com a área desmembrada, ocupada pela Mineração Taboca, na estrada vicinal perto das instalações da Mina de Jacutinga. Na época que o G.T. estava na área, Taucá tinha 03 jovens Waimiri-Atroari trabalhando neste Posto fazendo roça para ele. Desde o início deste ano ele começou a declarar-se "tio" dos Waimiri-Atroari Amin, Zé Maria, e Paulo, que agora estão assumindo os termos de parentesco que ele está propondo. Quando o pesquisador entrevistou a mãe de Amin, e seu marido atual, no aldeamento de Jará, o senhor idoso referiu-se a Taucá, dizendo: "Tabocata'ka wEnba't'ti' 'm'rúki",

wukì 'rì Ka'amin'ya". (O filho dele está estudando lá na Taboca. É menino civilizado).

Ao ouvir o comentário do velho, o "capitão" "Amigo" interrompeu, defendendo a versão dos servidores: "Índio!rapaz. Ka'amin'ya na,rna 'y(iti. Ka'amin'ya 'yih'ba m'ri'k". (Índio!rapaz. Os servidores dizem. Ele é o filho de quem os civilizados mataram). O velho, aparentemente desacreditando, retrucou: "Ámba! ('ba.-'t'hi'ba 'yaska". (Ele é outro! Então ele é corresidente de quem já morreu).

O fato que os velhos Waimiri-Atroari não reconhecem Taucá, e o vêem como qualquer outro servidor da FUNAI, não é surpreendente, considerando que muitas aldeias foram totalmente eliminadas em consequência de epidemias. Porém, os Waimiri-Atroari o tratam como qualquer servidor, e obedecem as suas ordens na mesma maneira que cumprem as ordens dos outros servidores. Por sua parte, Taucá vê os Waimiri-Atroari através dos olhos dos servidores. No dia 30 01 85, o pesquisador presenciou Taucá atuando no Posto Abonari, impondo os padrões da sociedade nacional nos Waimiri-Atroari, como fazem os outros servidores. Taucá declarou: "Agora é casa pequena (em Tobupuna) igual a aqui. Agora é família separada. Misturar família não é bom, não. Lá em Tobupuna tem cozinha. Eles comem todo mundo junto..... Lá tem horário, 7 horas café, 9 horas merenda, 11 horas almoço. 7 horas ele bate o sinozinho, todo mundo come junto. Aqui (em Abonari) vai ser o mesmo horário, 7 horas café. Aqui eles vão beneficiar porque a gente, quando vai para Manaus, sempre compra 2 ou 3 pacotes de café para eles. Vai ser igual a aqui. Não tem aquela confusão toda, cada um faz o seu..... Deveria ter dado esta idéia faz muito tempo..... Lá encima eles têm cozinha. Tem muita gente. Um só fica na cozinha trabalhando. Cada um lava sua louça. Tem panela grande. O cozinheiro que serve. Senão fica bagunça. Se deixar para eles, um come carne, outro não. Acorda 5 horas fazer café....."

Na presença do G.T. Taucá referia-se ao comportamento dos Waimiri-Atroari em Abonari como "grosseria", dizendo que o

filho dele estava aprendendo "grosseria com os 'meninos'", e que ele havia chamado a atenção do seu filho, dizendo que não podia continuar assim e que tinha que "dar um jeito de tirar dali". Apesar de declarar para o G.T. que ele tem orgulho de ser Waimiri-Atroari, quando o pesquisador mencionou a desvantagem dele permanecer no Posto de Jacutinga visto que lá o filho dele (que está estudando na escola da Taboca) não aprenderia a língua Waimiri-Atroari, Taucá exclamou "Pelo menos essa é a vantagem, né!", manifestando seu desprezo para a língua Waimiri-Atroari, apoiado pela sua esposa. Taucá declarou não quer que seu filho estude junto com os Waimiri-Atroari na escola de Terraplenagem, e mostrou preferência para a escola da Taboca, levando os 3 rapazes Waimiri-Atroari, que estavam morando e trabalhando lá, a assumir sua atitude de privilegiar a escola da Taboca e desprezar a escola dos Waimiri-Atroari em Terraplenagem.

Além de seu filho estudar na escola da Taboca, o Sr. Taucá declarou que a mineradora prometeu-lhe uma geladeira e fogão. O pesquisador observou que desde o início deste ano o Sr. Taucá está ganhando cada vez mais influência sobre os Waimiri-Atroari, inclusive sobre os "capitães" Viana e Mário, que obedecem as suas ordens, e, recentemente, começaram a assumir e defender sua versão de laços de parentesco com o rapaz Amin.

Taucá declarou para o G.T. que ia mandar os 3 rapazes Waimiri-Atroari, que estão morando com ele, fazer uma roça para ele e construir uma "maloca" no fundo da roça para Amin residir e confeccionar artesanato. Disse que ele tem a aprovação de Viana para fazer isso. Ele também declarou que ele gosta de ter Paulo de Abonari passando períodos com ele para fazer café e almoço para ele e sua família enquanto ele vai apanhar pão e outras coisas na Taboca (a poucos metros deste Posto). Além disso, Taucá estava fazendo trocas particulares com Paulo, mandando Viana mandar Paulo trazer artesanato para ele, e avisar que ele tinha um relógio elétrico para Paulo.

Claramente o Sr. Taucá tem pretensões de ambição pessoal ao declarar-se "chefe", e a mineradora está incentivando suas ambições ao privilegiá-lo com aparelhos domésticos e escola para seu filho. O pesquisador recorda que esta mesma empresa de mineração conseguiu suas pretensões em outra área indígena no Estado do Pará através de um acordo direto entre a empresa e um representante daquele grupo indígena, e há possibilidade que recorra a uma estratégia semelhante no caso Waimiri-Atroari através de Taucá e Viana, se a FUNAI não tomar providências para evitar que se criem circunstâncias em que isto poderia acontecer.

Propõe-se que este servidor seja transferido deste Posto para outro local onde não manteria contatos pessoais com o quadro de funcionários da Mineração Taboca.

Na hora que o G.T. viajou deste Posto, Sr. Taucá deu vários pacotes de bolacha doce, que ele obtem da Taboca, para os Waimiri-Atroari que acompanhavam o G.T. O Waimiri-Atroari "Barara" contou para o pesquisador que "Amin vai casar com branca, vai trabalhar na Taboca, e vai ser chefe", o que revela os objetivos de Taucá ao adotar Amin (que tem uns 18 anos de idade) como "sobrinho" para seguir seu padrão de "casar com branca" e ser um "chefe" que representaria os interesses da mineradora e suas pretensões na área ( a mineradora já requisitou, diversas vezes, autorização para pesquisa de mineração numa grande parte da área interdita pelo Decreto Nº 86.630 para os Waimiri-Atroari. As áreas requisitadas aparecem nos "overlays" publicados pelo DNPM).

Quando o G.T. visitou uma aldeia situada no alto rio Alalaú, uma enfermeira formada, estagiária, acompanhou alguns membros do G.T., e posteriormente regressou para esta mesma aldeia para tratar alguns indígenas que apresentavam febre. Ao voltar para a BASE da FUNAI aproximadamente duas semanas depois, no dia 24 08 85, o pesquisador foi conversar com duas famílias, das três famílias que Viana havia mandado vir para a BASE para serem transportadas na viatura da FUNAI para os aldeamentos de Terraplenagem e Xery para passar alguns meses trabalhando no serviço

agrícola (uma das três famílias havia sido levada, anteriormente, para o Posto Terraplenagem). Um dos primeiros assuntos que as duas famílias hospedadas na BASE contaram para o pesquisador era que "Rosa (a enfermeira) 'kwa<sup>h</sup>da! Rosa mai'yEdE! (Rosa não presta! Rosa não sabe!)" . O pesquisador questionou estas afirmações, que todos os Waimiri-Atroari presentes reafirmavam com insistência, perguntando: "'Hab(Em 'yEki?" (Por que?).

A resposta unânime dos Waimiri-Atroari foi: "FUNAI 'na.rna 'yiti". (FUNAI é que diz" - "Um servidor ou servidores do órgão tutelar). Os Waimiri-Atroari estão acostumados a aceitar as palavras dos servidores como ordens, e assumem as atitudes expressas por estes. Este comportamento aponta à probabilidade que ainda haja servidores na área que incentivam os Waimiri-Atroari a rejeitar servidores novos que vêm como potencial ameaça ao seu poder e interesses (o marido desta enfermeira também é estagiário, do curso para Chefes de Posto).

Duas semanas antes disso, na BASE da FUNAI, um servidor que trabalhava como cozinheiro, estava dando, diariamente, latas de laranja e creme de leite, que vinha da Mineração Taboca, para o Waimiri-Atroari Viana que participava no G.T. O substituto do coordenador informou, posteriormente, que ele havia transferido este servidor para outro Posto porque estava dando, em quantidades grandes, o rancho dos servidores para os Waimiri-Atroari.

Durante os últimos três anos houve diversos casos de servidores braçais regionais que recorriam à estratégia de dar o rancho do Posto para os Waimiri-Atroari como meio de manipulá-los e insuflá-los contra pessoas, principalmente Chefes de Posto, que os servidores classificavam como "brancos" em oposição a "índios", para que os Waimiri-Atroari rejeitassem aquelas pessoas e pedissem aos sucessivos coordenadores colocarem estes servidores braçais como substitutos de Chefe de Posto, ganhando salários muito mais altos do que o salário de trabalhador braçal. O pesquisador presenciou, com frequência, alguns dos servidores

dizerem para os Waimiri-Atroari frases como, por exemplo, "Só nós que damos comida para vocês, porque nós somos índios também. Branco não presta! Branco não dá para vocês! Branco só enganando índio!" Esta prática chegou a tal ponto que os Waimiri-Atroari começaram a cobrar rancho de um dos ex-coordenadores, que em 1983 instaurou um sistema de entregar rancho para os "capitães" dos aldeamentos perto dos Postos, reforçando a dependência dos Waimiri-Atroari nos Postos, além de reforçar o poder dos "capitães", que controlavam a distribuição do rancho.

O substituto do coordenador, segundo informações prestadas por outro membro do G.T., contou que ele estava da opinião de que tinha alguns servidores "tentando derrubar o trabalho do G.T."

Não se pretende criticar pessoalmente a atuação dos servidores, alguns dos quais são pessoas muito dedicadas com boas intenções, mas assinalar que a presença de um quadro numeroso de servidores é supérfluo na situação atual dos Waimiri-Atroari, que já estão se manifestando o desejo de exercer mais autonomia após terem passado mais de cinco anos morando nos Postos, dirigidos pelos servidores num regime de trabalho agrícola seguindo o horário de serviço dos funcionários.

Considerando os casos citados, como exemplos, propõe-se a retirada de servidores braçais da área, e a manutenção de um Chefe de Posto titular (e a sua esposa no caso de casados) nos Postos que têm aldeamentos nas proximidades ( que são Jundiá, Terraplenagem, Alalaú Primeiro, Taquari, Abonari e Maré), e Atendentes de Enfermagem em Maré(Camanaú), Alalaú Primeiro, e outro para atender os Postos na estrada BRI74. O aldeamento de Curinaú, por ser atendido pelo Posto Maré, não necessita da presença de servidores residentes, como também é o caso dos aldeamentos de Taquarizinho (acima da BASE), Tobupuna, Jará, e as aldeias no alto rio Alalaú e médio Camanaú.

Propõe-se a instalação de um flutuante de vigilância, com um servidor, na confluência dos rios Camanaú e Curinaú, para

sustar a entrada de invasores que sobem estes rios.

O G.T. observou que havia um Waimiri-Atroari que aparenta ter uns 14 anos de idade, apelidado "Zé Maria" trabalhando junto com os servidores da FUNAI<sup>da BASE</sup> e morando no alojamento destes, isolado do seu povo. Antes, havia outro rapaz Waimiri-Atroari, Kabarrá, que passou mais de um ano na BASE da FUNAI trabalhando na cozinha. Kabarrá casou-se e voltou para o aldeamento ao lado do Posto Alalauí Primeiro, mas manifesta um comportamento estranho, distanciando-se dos outros Waimiri-Atroari do aldeamento e identificando-se com os servidores. Kabarrá, ao voltar para o aldeamento Alalauí Primeiro após ter passado mais de um ano isolado do seu povo na BASE, perdeu-se na floresta quando saiu com outros Waimiri-Atroari a caçar, aparecendo uns sete dias depois no aldeamento Jará.

Este caso serve para ilustrar as consequências altamente prejudiciais para o povo Waimiri-Atroari de afastar rapazes da sua comunidade e tentar "ressocializá-los" como servidores. Propõe-se que este rapaz (que estava pedindo para ir morar junto com seu irmão Amin "lá na Taboca"), e os outros que estão trabalhando no Posto de Jacutinga perto das instalações da Mineração Taboca, voltem a morar junto às suas comunidades Waimiri-Atroari. Assim, evitaria sua alienação da comunidade Waimiri-Atroari e sua ressocialização como mão-de-obra braçal que assume a ideologia dos servidores regionais, desprezando os Waimiri-Atroari. Há um ano e meio, Kabarrá, ao ser entrevistado pelo pesquisador na língua Waimiri-Atroari, respondia somente na língua portuguesa, declarando: "Eu não gosto de língua de índio, não, porque não gosto. Língua de índio não é português, não. Agora eu só quero português. Não quero nossa língua, não. Não gosto de língua de índio. Nossa língua não presta. Porque eu já trabalho lá na BASE, por isso que não gosto de língua de índio". Em outra ocasião, Kabarrá disse: "Quando Macapá (seu irmão) diz 'Por que Kabarrá não volta?', tu diz para ele.... 'ele (Kabarrá) já é FUNAI. Não sei quando ele volta'. Eu sou FUNAI mesmo".

### Proposta para Projetos

Os Waimiri-Atroari estão reclamando da falta de caça e pesca, sobretudo nos Postos localizados na beira da estrada, e também nos Postos como Maré e Alalaú Primeiro onde há Waimiri-Atroari morando ao lado do Posto desde 1981, após serem transferidos para estes locais. Os "capitães" Viana, Mário e outros estão falando na criação de gado, proposta que, há tempo, vem sendo apoiada por vários servidores da FUNAI, e que também ganhou o apoio de alguns membros do G.T.

Propõe-se que antes de elaborar qualquer proposta de criação de gado, o que é muito além das limitações de tempo do G.T. nos primeiros 30 dias, que seja feito um estudo detalhado a respeito da viabilidade disso, considerando que a área habitada pelos Waimiri-Atroari é de floresta tropical úmida sem grandes áreas de desmatamento, e não é uma região propícia para a criação de gado em escala pequena, necessitando áreas grandes de desmatamento com plantações de capim. A criação de gado em escala pequena poderia trazer problemas de doenças bovinas, mortes em consequência da ingestão de plantas venenosas e de picadas de cobra, além da necessidade de importar mais servidores de mão-de-obra especializada, deixando os Waimiri-Atroari como "braçais" de fazendas, subordinados aos funcionários vaqueiros. Outro problema que poderia acarretar a implantação de projetos pecuários, é que dentro de poucos anos levaria à migração de Waimiri-Atroari para trabalhar nas fazendas de Roraima, ou mesmo para o projeto agropecuário que a Mineração Taboca está implantando numa área grande de desmatamento na área desmembrada e ocupada pela empresa.

Alguns membros do G.T. mostravam-se a favor da implantação de projetos pecuários, com justificativa que os Waimiri-Atroari estão acostumados a beber leite. Seguindo esta lógica, poder-se-ia propor a implantação de uma fábrica de calção, já que os Waimiri-Atroari estão acostumados a usar calção em quantidades grandes!

Propõe-se que seja discutida, junto com os Waimiri-Atroari,



alternativas viáveis, antes de iniciar um projeto que talvez não seja adequado para a situação atual deste povo. Uma alternativa que talvez seja viável é a criação de animais regionais. Apesar dos altos custos de construir cercas, estas despesas não seriam maiores do que aquelas incorridas na implantação de projetos pecuários. Existe um centro de pesquisa para a criação de animais regionais, aproximadamente no Km. 45 da BRI74 que poderia fornecer informações técnicas para a FUNAI no caso que tal projeto fosse julgado viável pelos Waimiri-Atroari.

Outra possibilidade que podia ser discutida é um projeto de fruticultura regional. Desta maneira, se os Waimiri-Atroari escolherem a ser produtores, poderão manter sua integridade como um grupo ao serem produtores especializados de frutas e animais regionais.

Porém, antes de propor tais projetos numa maneira mais definida, salienta-se a necessidade de realizar um levantamento etnobotânico das frutas na região, e estudos sobre a viabilidade da criação de animais regionais.

#### Comentário sobre o G.T.

Ao concluir, apresenta-se algumas observações a respeito do G.T. O G.T. convidou alguns dos "capitães" a participar, privilegiando uma categoria construída pela FUNAI que abrange aqueles Waimiri-Atroari que geralmente têm mais tempo morando nos Postos, falam mais a língua portuguesa, e têm mais intimidade com os servidores, sendo aqueles mais dispostos a cumprir as ordens emitidas pela equipe dirigente da FUNAI. Neste sentido o G.T. reforçou o sistema de poder implantado pela FUNAI na sociedade Waimiri-Atroari, fortalecendo a posição privilegiada dos "capitães" perante os Waimiri-Atroari de todos os aldeamentos. Os Waimiri-Atroari identificam os "capitães" com a equipe dirigente da FUNAI, fato que ficou bem patente para o G.T. Um exemplo para ilustrar esta identificação ocorreu no Posto Maré, Camanaú. Mário (irmão do "capitão geral" Viana, nomeado pela FUNAI) que mora em Xery, estava fazendo um som com uma folha colocada sobre o

nariz. Roberto, que mora em Taquarizinho, dirigiu-se para os Waimiri-Atroari de Camanaú que tentavam imitar Mário sem conseguir fazer o mesmo som, dizendo: "Tu não sabe! Mário sabe, FUNAI sabe".

Mário (na sua função de "capitão") dirigiu-se para um dos velhos líderes antigos do vale do Camanaú que estava no Posto Maré, dando ordens de serviço agrícola na maneira que os servidores dão ordens para os Waimiri-Atroari, repreendendo o velho por não ter feito uma plantação maior e mandando-o fazer uma plantação muito grande perto do Posto. Mário mandou o velho buscar os Waimiri-Atroari do Camanaú que haviam ido para a aldeia, para voltar para o Posto Maré e empreender serviço agrícola lá, roçando toda a capoeira e plantando muito.

Em 1983, o pesquisador presenciou Mário transmitindo as ordens de serviço agrícola do então coordenador, mandando todos os homens, inclusive os velhos, na implantação do aldeamento Xery, fazer uma plantação grande.

Ao privilegiar os jovens "capitães", o G.T. deu continuidade à política que a FUNAI vem se impondo nesta área desde 1978, quando Viana, então um adolescente, junto com outros Waimiri-Atroari, veio morar no Posto; o que nega a autoridade por idade. O sistema de trabalho dirigido pelos servidores e "capitães" nomeados por aqueles, passou por cima da organização social e política dos Waimiri-Atroari, reconstruindo-a conforme os padrões dos funcionários. Apesar de reforçar o sistema de poder imposto, o G.T., ao incluir representantes de Abonari e Taquarizinho, pelo menos partiu da atuação anterior da FUNAI que privilegiava quase exclusivamente Viana e seu irmão mais velho, Mário.

A participação dos Waimiri-Atroari no G.T. foi muito passiva, já que o próprio cargo de "capitão" implica ser um obedecedor de ordens da FUNAI. Isto ficou patente na maneira que aceitaram as propostas dos membros não-Waimiri-Atroari do G.T. quase sem críticas. Outro problema que contribuiu à esta passividade foi

que seu conhecimento da língua portuguesa é bastante limitado, não permitindo que acompanhassem muito da discussão.

A curta duração das visitas nos aldeamentos, de poucas horas ou menos, não permitiu que os membros do G.T. se relacionassem com os Waimiri-Atroari para ouvir as suas idéias a respeito do G.T. Os "capitães" reforçavam isso, distanciando-se dos outros Waimiri-Atroari para reafirmarem perante estes seu cargo privilegiado de "capitão". Observou-se este distanciamento sobretudo no caso de Viana e Mário, que, nas visitas para os aldeamentos passaram muito mais tempo conversando com os servidores e membros do G.T. do que com os outros Waimiri-Atroari. Viana (que permaneceu em Manaus para tratamento dental particular - os outros Waimiri-Atroari recebem tratamento dental no 6º BEC em Abonari) mandou seu irmão Mário trazer um rapaz, Fernando, do Camanaú, para passar um ano morando no Posto Terraplenagem. O "capitão" nomeado pelos servidores no Posto Maré, Camanaú, é um rapaz que tem uns 18 anos, apelidado "Paulo". Porém, Viana privilegiou Fernando, outro jovem, sendo ele um parente mais próximo de Viana, para prepará-lo para ser "capitão" em Camanaú, e assim reforçar seu cargo, construído pelos servidores, de "capitão-geral" dos Waimiri-Atroari.

O grande número de pessoas que constituíram o G.T. nas visitas aos aldeamentos também dificultou a comunicação entre o G.T. e os Waimiri-Atroari. No Posto Alalaú Primeiro, um Waimiri-Atroari veio reclamando que um dos membros do G.T. "não prestava" porque estava pedindo arcos e flechas. A curta duração das visitas às aldeias, de um grupo grande, deu a estas visitas a aparência de um passeio turístico, do que os Waimiri-Atroari que moram na beira da estrada BRI74 já têm bastante experiência.

O G.T. fortaleceu, no discurso de alguns dos seus membros, a oposição "Índio-Branco" que os Waimiri-Atroari já assumiram dos servidores. na identidade contraditória de "Índio civilizado". Vários membros do G.T. disseram para os Waimiri-Atroari que eles têm que ser "Índios" (em oposição a "brancos"), reforçando o trabalho que vem sendo feito nos últimos anos pelos

servidores da FUNAI, de reconstruir a sociedade Waimiri-Atroari segundo o que eles acham que "índios" deveriam ser.

Alguns membros do G.T. fortaleceram a oposição "Waimiri" - "Atroari", construída pela sociedade nacional e imposta pelos servidores do S.P.I. e FUNAI, e já plenamente assumida pelos indígenas. O pesquisador presenciou, por exemplo, um dos estagiários que acompanhou o G.T. escrever no caderno de Mário a frase "Waimiri e Atroari juntos somos fortes", o que Mário copiava repetidas vezes. Diversos membros do G.T. faziam referência aos "Waimiri" e os "Atroari", seguindo a classificação feita para este povo pela sociedade nacional.

Este relatório não pretende ser completo, em si, mas representa uma contribuição parcial para complementar os relatórios dos outros membros do G.T. Houve muitos assuntos de grande importância levantados por outros membros do G.T. que o pesquisador não menciona aqui por achar outros membros do G.T. mais qualificados para expor-se nos assuntos.

Brasília, 09 de setembro de 1985

Stephen G. Bames

ADENDO AO RELATÓRIO: GRUPO DE TRABALHO WAIMIRI-ATROARI (30 DIAS),  
APRESENTADO POR STEPHEN GRANT BAINES EM 09 DE SETEMBRO DE 1985

Páginas 16 -17 Proposta para Projetos

Quanto à sugestão que propus em relação à possibilidade de uma alternativa da implantação de projetos de criação bovina na área dos Waimiri-Atroari, após haver levantado os problemas que tais projetos poderiam acarretar, apresento aqui outras sugestões a respeito da proposta da criação de animais nativos.

Conversei, recentemente, com o Sr. Robin Best, pesquisador do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), atualmente preparando a sua tese de doutorado na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Sr. Best está elaborando um projeto junto à Eletronorte em relação ao reservatório da Hidrelétrica de Balbina, e informou-me de que a partir de 1987, ano previsto para a alagação da área, haverá um plano para transferir os animais que ocupam a área a ser alagada. Considerando que na área dos Waimiri-Atroari, sobretudo nas vizinhanças dos Postos da FUNAI onde residem a grande maioria dos Waimiri-Atroari, estes estão reclamando da escassez de caça, seria possível soltar estes animais dentro da área indígena, se os Waimiri-Atroari e a FUNAI estivessem de acordo. A área a ser alagada era, toda, e ainda é em parte, uma região de caça e pesca deste grupo indígena.

Sugiro que a FUNAI considere a possibilidade de entrar em contato com a Eletronorte para examinar esta proposta, e, após discuti-la com representantes de cada aldeamento Waimiri-Atroari, sobretudo com aqueles que vão sofrer a alagação de uma parte das suas terras (de Abonari e Taquari), no caso destes estarem de acordo, considerar a viabilidade da criação de animais nativos. Tais projetos poderiam ser realizados em áreas cercadas de floresta, aproveitando de informações a respeito da criação de animais nativos que poderiam ser obtidas do Centro de Pesquisa para a Criação de Animais Nativos, localizado na estrada BRI74 (aproximadamente Km. 45).

Brasília, 27 de outubro de 1985

Stephen G. Baines

Stephen Grant Baines, aluno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, nível doutorado, Universidade de Brasília.

CURRICULUM VITAE

IDENTIFICACAO

Nome: Stephen Grant Baines  
Naturalidade: Londres, Inglaterra  
Nascimento: 25 de maio de 1948  
Filiação: Nome do pai - Cyril Rayner Baines  
          Nome da mãe - Mabel Hilda Baines .  
Estado Civil: Solteiro  
Nacionalidade: Britânica  
Documento de Identidade: Passaporte Britânico Nº 479028 C  
Correspondência: a/c Depto. de Ciências Sociais,  
                  Instituto de Ciências Humanas,  
                  Universidade de Brasília,  
                  70910 Brasília D.F.

ATIVIDADES ATUAIS

Atividade: Aluno Regular do curso de Pós-graduação em nível de  
          Doutorado, em Antropologia Social, Depto. de Ciências  
          Sociais, Universidade de Brasília  
Data de ingresso: março de 1981  
Matrícula: 81/90208  
Orientador: Professor Julio Cezar Melatti

FORMAÇÃO ESCOLAR

Curso Primário: Trent Church of England Primary School, Cockfosters,  
                  Hertfordshire, Inglaterra

Duração: 6 anos: 1953-1959

Curso Secundário:

-Instituto: Ashmole Secondary School, Southgate, London, Inglaterra

Duração: 5 anos: 1959-1964

-Instituto: East Barnet Grammar School, Barnet, Herts., Inglaterra

Duração: 1 ano: 1964-1965

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Curso incompleto de Belas Artes

-Instituto: Barnet College, Faculty of Art & Design

Duração: 1 ano: 1965-1966

-Instituto: Hertfordshire College of Art & Design, St. Albans,  
          Herts., Inglaterra

Duração: 1 ano: 1966-1967

-Instituto: Carlisle & Gregson Tutorial College, Kensington, London

Duração: 1 ano: 1967-1968

Curso Universitário

-Instituto: University of Leeds, Yorkshire, Inglaterra

Duração: 1968-1971

-Instituto: University of Cambridge, Inglaterra

Duração: 1979-1980

-Instituto: Universidade de Brasília, Brasília D.F.

2º Semestre de 1980 como aluno especial: Etnologia Sulamericana, Análise de Sistemas Interétnicos

TÍTULOS OBTIDOS

M. Phil. em Antropologia Social, University of Cambridge, agosto 1980

Bachelor of Arts with Honours (B.A.Hons.) Categoria II divisão 1, em Árabe e Estudos Religiosos, julho de 1971, University of Leeds  
General Certificate of Education (G.C.E.):

Nível avançado - 3 matérias: Literatura inglesa, Belas Artes e Geografia

Nível ordinário - 9 matérias: que incluem os idiomas francês e inglês

Royal Society of Arts - 6 matérias

Curso incompleto de Belas Artes - 2 anos 1965-1967

Estágio de Atendente de Saúde, Unidade Sanitária do Morro da Liberdade, Manaus AM 1976

Diploma de Professor de Ensino Especial - Inglês para Estrangeiros, junho de 1979, International Teacher Training Institute, Piccadilly, London, Inglaterra

Cursos Universitários Extracurriculares:

Curso de Antropologia Social - matéria especial - Etnografia das Planícies de America do Sul, University of Cambridge, Dept. of Social Anthropology

Duração: um semestre 1980

Curso de Hebraico Bíblico University of Leeds

Duração: um ano 1968-1969

Curso de Verão do Idioma Árabe Middle East Centre for Arabic Studies, M.E.C.A.S., Chemlã, Líbano

Duração: Dois meses - julho-agosto de 1970

Este curso foi suplementar ao curso de B.A.Hons. em Idioma Árabe e Estudos Religiosos, que também abrange cursos em Sociologia da Religião

OUTRAS ATIVIDADES

Professor de Inglês, Colégio de Narmak, Teerã, Irã  
outubro de 1971 - março de 1972

Viajei pela Ásia do Sul, Ásia Central, e pelo Oriente-Médio  
abril de 1972 - maio de 1973

Professor de Inglês, International Language Centre, London  
maio de 1973 - outubro de 1973

Professor de Inglês, Cuernavaca, México  
outubro de 1973 - novembro de 1973

Viajei pela America Central, Colômbia, e Ecuador  
Professor de Inglês, Lima, Perú  
maio de 1974 - novembro de 1974

Viajei na Bolívia, Paraguai, Argentina, Chile, Uruguai, e Brasil  
Professor de Inglês em Manaus, Amazonas: no Instituto Yazigi de idiomas; aulas particulares de inglês para técnicos do Inpa, e traduções

Professor de português elementar na Escola da Associação Cultural da Língua Inglesa do Amazonas, Manaus  
maio de 1975 - agosto de 1977

Curso de Estágio de Atendente de Saúde, Manaus 1976

Viajei na Venezuela e nos Estados Unidos

Professor de Inglês, Cuernavaca, México  
fevereiro de 1978 - abril de 1978

Visitas às Reservas Indígenas nos estados do Sudoeste dos Estados Unidos

Professor e tradutor de idiomas em Nova Zelândia: Worldwide Translations Ltd., Christchurch, N.Z.  
junho de 1978 - dezembro de 1978

Trabalho voluntário na Reserva Indígena de Budjarra, W.A., Austrália.  
Visitas às regiões das Kimberleys e Arnhem Land.

Professor em Londres, Inglaterra

Aluno de Mestrado em Antropologia Social, Dept. of Social Anthropology, University of Cambridge - 1979 - 1980

Aluno especial de Pós-graduação da Universidade de Brasília  
Cursos: Etnologia Sulamericana: ss  
Análise de Sistemas Interétnicos: ss

BOLSAS DE ESTUDO

Senior Award, Education Department, London Borough of Barnet  
1965 - 1967

Major Award, Education Department, London Borough of Barnet  
1968 - 1971

Award for Vacation Course, Education Department, London Borough of Barnet  
1970

Leeds University Post-Graduate Scholarship 1979 -1980

Miranda Scholarship, Anglo-Brazilian Society, London : Passagem de Londres a Brasília, julho de 1980



47  
Brazilian Government Scholarship, Ministério de Relações Exteriores  
julho de 1980 - dezembro de 1981

Bolsa da CAPES de doutoramento: Início - março de 1981

Auxílio de Pesquisa do CNPq para o PROJETO ETNOGRÁFICO WAIMIRI-  
ATROARI: ETAPA I 02/01/82 a 25/09/82

Auxílio de Pesquisa do CNPq para o PROJETO ETNOGRÁFICO WAIMIRI-  
ATROARI: ETAPA II 20/10/82 a 20/10/83

Auxílio de Pesquisa do CNPq para o PROJETO ETNOGRÁFICO WAIMIRI-  
ATROARI: ETAPA III 11/84 a 02/85

Bolsa de Doutoramento do CNPq: Início - março de 1985  
PUBLICAÇÕES E TRABALHOS

Brazilian Government Indian Policy - Tese de Mestrado da Universid  
ade de Cambridge, Inglaterra. junho de 1980.

"Em Busca do Ouro Vermelho" pp. 315-320 in Anuário Antropológico  
'80 Direção: Roberto Cardoso de Oliveira. Tempo Brasileiro, Rio  
de Janeiro, 1982.